

O SOFRIMENTO PSÍQUICO DA MULHER PRETA: O IMPACTO DO RACISMO E DO SEXISMO

FAGUNDES, Débora Mara Lamin¹
MOURA, Viviane Andrade¹
PEÇANHA, Fabiana¹
RANGEL, Keilla Gonçalves¹
MACHADO, Thiago Pereira²

1 INTRODUÇÃO

De acordo com os autores Françoise Magalhães Campos, Tânia Maria de Araújo, Denise Nunes Viola, Paula Caroline Santos Oliveira e Camila Carvalho Sousa(2020), as mulheres pretas brasileiras recebem menos remuneração no mercado de trabalho, sofrem mais violências obstétricas e, em sua maioria, moram nas regiões periféricas que geralmente se caracterizam por serem localizações mais distantes dos locais de trabalho, das unidades de saúde e de escolas.

Para Ellen Hilda Souza de Alcântara Oliveira (2018) muitas vezes, o sofrimento psíquico e físico vivenciado pela mulher negra é ilegítimo, dessa forma, torna-se mais difícil a construção de políticas públicas para promover a saúde da mulher. Além de todas essas dificuldades o racismo institucional também se manifesta nas unidades de saúde. A mulher negra sofre duplamente, tanto pela cor da pele como pelo gênero e essas vivências podem gerar sofrimento psíquico e transtornos mentais.

Segundo os dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2022), “Violência contra meninas e mulheres no primeiro semestre de 2022,” 699 mulheres foram vítimas de feminicídio no primeiro semestre de 2022, sendo uma média de quatro mulheres por dia. Conforme os dados percebe-se um contínuo aumento das mortes das mulheres por questões de gênero e feminicídio desde 2019, com um crescimento de 10,8% entre o período de 2019 a 2022. Ainda de acordo com os dados, “o perfil étnico racial indica a prevalência de mulheres pretas e pardas entre as vítimas: 62% eram negras, 37,5% brancas, 0,3% amarelas e 0,2% indígenas” (FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA,

¹ Graduandas do curso de Psicologia da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, deboramaramajm@hotmail.com; viviane.vivi.andrade@gmail.com; fabiana.miglorenzo@outlook.com

² Professor orientador: Doutorando e Mestre em Psicologia Institucional no Programa de Pós Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo - PPGPSI/UFES. Docente da Faculdade Multivix Cachoeiro de Itapemirim-ES, thiagopmachadopsi@gmail.com

2022, p. 8). A dor vivenciada pelas mulheres negras soma-se à cor da pele, à discriminação e ao racismo estruturado na sociedade brasileira. Qual o impacto do racismo e do sexismo na saúde mental e física da mulher negra? Para Djamila Ribeiro, a falta de reflexão sobre essa problemática se constitui como uma das principais “bases para a perpetuação do sistema de discriminação racial” (RIBEIRO, 2019, p.10). Diante disso, faz-se necessário dedicar estudos e pesquisas sobre o tema para uma melhor compreensão. Como descreve Ribeiro (2019, p. 10), “muitas vezes, pessoas brancas nos colocam no lugar de ‘Wikipreta’, como se nós precisássemos ensinar e dar todas as respostas sobre a questão do racismo no Brasil. Essa responsabilidade é também da pessoa branca – e deve ser contínua”.

De acordo com as autoras Marizete Gouveia Damasceno e Valeska M. Loyola Zanello (2018), são necessárias pesquisas que busquem apresentar o impacto do racismo e do sexismo na saúde mental das mulheres negras na população brasileira. Assim como a “desconstrução da imagem negativa das mulheres negras, duplamente invisibilizadas, é parte fundamental do processo de desconstrução do racismo como um todo” (DAMASCENO; ZANELLO, 2018, p.456). Nesse sentido, como afirma Imaíra Pinheiro de Almeida da Silva e Cássius Guimarães Chai (2018), visto que o racismo e o sexismo tem causado consequências na construção de políticas públicas assim como na aplicabilidade destas tornam-se necessárias medidas para combater estas práticas.

Este estudo tem como objetivo fazer uma análise do impacto das práticas racistas e sexistas na saúde mental da mulher preta, fazer uma articulação entre o racismo e o sexismo assim como apresentar algumas consequências destas práticas racistas e enfatizar a desigualdade duplamente vivenciada pela mulher preta.

2 METODOLOGIA

Este trabalho consiste em um estudo qualitativo resultado de pesquisa bibliográfica. Foi realizada uma busca no Google acadêmico buscando por descritores que discutem sobre a saúde mental da mulher negra, feminicídio e sobre os aspectos psicológicos vivenciados pelas mulheres negras que foram vítimas. Também foi realizada uma busca no Scientific Electronic Library Online Scielo sobre os impactos do racismo na saúde mental. No sítio do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada foi realizada busca referente à probabilidade do sujeito ser vítima de homicídio por ser negro e dados disponíveis no sítio do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

3 DESENVOLVIMENTO

Segundo Silvia Federici (2017), em “Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpo e Acumulação Primitiva”, as fases da globalização capitalista são acompanhadas do retorno de aspectos violentos da acumulação primitiva no qual deixa explícito que a degradação das mulheres é umas das condições necessárias “[...] para a existência do capitalismo em qualquer época” (FEDERICI, 2017, p.27). Ou seja, o capitalismo é um processo histórico, social, político e econômico que está diretamente ligado ao racismo e o sexismo. Desta forma, com a estruturação do capitalismo as mulheres substituem as terras perdidas e são apropriadas como os novos bens. Institui-se um novo contrato sexual “que definia as mulheres em termos — mães, esposas, filhas, viúvas — que ocultavam sua condição de trabalhadoras e davam aos homens livre acesso a seus corpos, a seu trabalho e aos corpos e ao trabalho de seus filhos” (FEDERICI, 2017, p.191).

Para a autora Milena Fernandes Barroso (2018, p.448) a ligação do racismo e sexismo com o capitalismo não se constitui como um legado, mas sim como necessidade própria do capitalismo. “Disso apreende-se a consubstancialidade entre patriarcado, racismo e capitalismo e, conseqüentemente, a indissociabilidade entre exploração e opressão” (BARROSO, 2018, 448). Assim constitui-se o atual modelo societário resultante dessa imbricação. Mesmo que as opressões decorrentes do patriarcado antecedam o capitalismo é importante destacar que as opressões sobreviveram à emergência capitalista assim como tornaram necessárias as relações sociais capitalistas (BARROSO, 2018).

Segundo as autoras Stela Nazareth Meneghel e Ana Paula e Portella (2017), os constantes assassinatos por feminicídios contra as mulheres são resultantes do regime patriarcal no qual as mulheres são submetidas ao controle dos homens. Ou seja, a sociedade patriarcal tem como crença a ideia de que os homens têm direito de dominação sobre as mulheres tanto no âmbito social como nas relações individuais. Portanto, esses crimes não são cometidos por condições patológicas dos agressores, mas sim pelo “desejo de posse das mulheres, em muitas situações culpabilizadas por não cumprirem os papéis de gênero designados pela cultura” (MENEGHEL; PORTELLA, 2017, p.3079).

Logo, o feminicídio é motivado pelos sentimentos de posse sobre a mulher, desprezo e ódio. Ainda conforme as autoras, ser mulher em nossa sociedade marcada

pelo regime patriarcal torna-se fator de risco, com “maior incidência em mulheres que possuem condicionantes raciais, étnicos, de classe social, ocupação ou geracionalidade” (MENEGHEL; PORTELLA, 2017, p.3079). Nesse sentido, como descrito pelas autoras Vitoria Carmo dos Santos e Acácia Batista Dias (2022), as mulheres negras são o grupo mais afetado, pois sofre por questões raciais e de gênero. Ou seja, essa “intersecção entre raça e gênero intensifica as opressões contra as mulheres negras, pois o gênero influencia o racismo” (SANTOS; DIAS, 2022, p.3).

As mulheres negras foram escravizadas, abusadas e violentadas sexualmente para satisfazer aos senhores. A herança desse período se faz presente ainda nos dias de hoje “no imaginário da sociedade brasileira, são as representações e os estereótipos construídos sobre o corpo das mulheres negras: empregada doméstica, mãe preta e mulata – os três vinculados à imagem servil desses sujeitos” (SANTOS; DIAS, 2022, p.7).

Como afirma Ribeiro (2019, p.10), “por ser naturalizado, este tipo de violência se torna comum”. Ainda de acordo com a autora, as mulheres pretas desde o período colonial são ultrassexualizadas. Ou seja, é propagado no imaginário coletivo da sociedade a imagem de que as mulheres negras são ‘fáceis’, ‘naturalmente sensuais’, ‘lascivas’, essa ideia na verdade é usada para justificar abusos, visto que “mulheres negras são as maiores vítimas de violência sexual no país” (RIBEIRO, 2019, p.29).

Desta forma, o racismo somado com o machismo faz com que as mulheres muitas das vezes passem por situações constrangedoras, são invadidas e importunadas. A autora ainda acrescenta que o fato de se relacionar com uma pessoa negra não quer dizer que tenha consciência antirracista. Visto que isso vai depender da forma em que essa relação se constitui. Se acontece com signos racistas, como por exemplo ideia de que mulheres pretas são ‘naturalmente sensuais’ e ‘quentes’ “essa relação é pautada no racismo” (RIBEIRO, 2019, p.30).

O sofrimento vivenciado pelas mulheres pretas fica explícito na pesquisa das autoras Santos e Dias (2022), que apresentam relatos de mulheres vítimas de violência obstétrica, onde as enfermeiras negligenciaram a dor da paciente e ainda reproduziram falas racistas tais com “já viu gente morena não aguentar a dor”. Há também relatos de mulheres negras que aguardavam atendimento em hospitais e quando chegava uma pessoa branca e com melhores condições financeiras esta última sempre era atendida com prioridade. Ou seja, “a Saúde da População Negra é posta em risco por outros

critérios arbitrários e raciais no atendimento dos sujeitos negros: por preferência racial no momento da assistência, a população branca é privilegiada ante a negra” (SANTOS; DIAS, 2022, p.9). Tais relatos mostram explicitamente o atendimento omissivo e com práticas violentas recebido por mulheres negras no campo da saúde.

Oliveira (2018) desenvolveu uma pesquisa sobre as mulheres negras vítimas de violência obstétrica, a partir de depoimentos de mulheres que vivenciaram a violência obstétrica de diversas formas como de natureza física, psicológica e racial. As vítimas nos hospitais denunciaram situações de discriminação racial como ouvir da médica “você mulheres negras... você pode/ parir igual a cachorro que você dá conta...” (OLIVEIRA, 2018, p. 87). Além disso há relatos de descaso e palavras que zombam da dor das contrações naturais que as mulheres vivenciam durante o processo de parto, soma-se a tudo isso as dores ocasionadas por intervenções desnecessárias, como exemplo, na episiotomia que é realizada para auxiliar a passagem do feto no momento do nascimento (OLIVEIRA, 2018, p.93).

Ana Beatriz Lira de Andrade (2021) realizou um estudo que teve como objetivo fazer uma análise da articulação dos fenômenos de racismo e sexismo assim como as consequências destes para a mulher. Conforme a pesquisa, o sofrimento vivenciado pela mulher se torna mais difícil somado à cor de sua pele. A pesquisa mostra como as mulheres experienciam constantemente situações no trabalho que trazem as marcas do racismo e do sexismo. A sociedade brasileira é muito influenciada pelo pensamento patriarcal o que gera um ambiente de liberdade cerceada à mulher. A vida das mulheres é permeada pelo sentimento do medo oriundo de experiências próprias e coletivas. Dessa forma, ser mulher é estar sempre sendo necessário “calcular o lugar, a hora, a forma de falar, o jeito de se vestir, e tantas outras hipóteses que exigem serem feitas por causa do medo” (DE ANDRADE, 2021, p.22). Enfim, os danos psíquicos gerados “nas vítimas dessas violências juntam-se a tantos outros já denunciados, pois o racismo, a discriminação e o preconceito raciais impactam na subjetividade e autoestima negra, por gerarem sofrimento psíquico” (SANTOS; DIAS, 2022, pp.10-11). Segundo os autores Tafnes Varela Martins, Tiago Jessé Souza de Lima e Walberto Silva Santos (2018) as vivências racistas pelas mulheres negras deixam sequelas em suas subjetividades, pode afetar a saúde mental através de inúmeras maneiras como as relações de poder de um grupo sobre outro, status socioeconômico, aquisição de bens e serviços. As vivências de atos discriminatórios ainda podem resultar em

elevados níveis de estresse psicológico bem como agravos tanto à saúde física quanto mental.

4 CONCLUSÃO

Este tema carece de mais pesquisas visto que não é fácil encontrar dados referentes ao racismo da mulher preta, geralmente as pesquisas referentes ao racismo são mais referentes ao negro de forma geral. Foi possível observar pelas pesquisas que ocorrem várias formas de exposição das mulheres a violências, mas não percebem as questões de gênero e raciais como um marcador, resultando em uma certa violência naturalizada, na qual a vítima não conceitua as práticas oriundas de questões raciais e de gênero, desse modo poucas denúncias e acusações são feitas referente à violência institucional. É importante debater essa articulação entre questões de gênero e raciais visto que não se deve separar o sofrimento vivenciado pela mulher preta, assim como é necessário reconhecer que o sofrimento psíquico delas está atrelado ao racismo. Esta pesquisa tem como expectativa fomentar ao público buscar por mais leituras principalmente de autores negros e pesquisar mais sobre essa problemática. Espera-se que este trabalho possa contribuir para o debate sobre as diversas formas de racismo que acometem as mulheres negras, muitas vezes até inconscientemente por estar estruturado na sociedade brasileira.

5 REFERÊNCIAS

BARROSO, Milena Fernandes. **Notas para o debate das relações de exploração-opressão na sociedade patriarcal-racista-capitalista**. Serviço Social & Sociedade, n. 133, p. 446–462, set. 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/7j9vvg6SZxtg6bxSDqc9CHLd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 mai.2023.

CAMPOS, Françoise Magalhães; ARAÚJO, Tânia Maria de; VIOLA, Denise Nunes; OLIVEIRA, Paula Caroline Santos; SOUSA, Camila Carvalho de. Estresse ocupacional e saúde mental no trabalho em saúde: desigualdades de gênero e raça. **Cadernos Saúde Coletiva**, Bahia, v. 28(Cad. saúde colet., 2020 28(4)). p. 579-589. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1414-462X202028040559>. Acesso em: 28 fev.2023.

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v.38, n° 3, p.450-464, set.2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/gPSLSxDcHDhDccZgpk3GNVG/?format=pdf&lang=pt>.

Acesso em: 28 fev. 2023.

DE ANDRADE, Ana Beatriz Lira. **Considerações sobre o sexismo e o racismo na cultura brasileira**: psicanálise, gênero e raça. Programa de Iniciação Científica-PIC/UniCEUB-Relatórios de Pesquisa, 2021.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Tradução: coletivo Sycorax São Paulo: Elefante, 2017. [e-book].

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Violência contra meninas e mulheres no 1º semestre de 2022**. 2022. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/12/violencia-contrameninas-mulheres-2022-1sem.pdf?v=v2>. Acesso em: 08 mar.2023.

MARTINS, Tafnes Varela; LIMA, Tiago Jessé Souza de; SANTOS, Walberto Silva. O efeito das micro agressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras. **Ciência & Saúde Coletiva [online]**. v. 25, n. 7, pp. 2793-2802, nov. 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1413-81232020257.29182018>>. Acesso em: 28 fev. 2023.

MENEGHEL, Stela Nazareth; PORTELLA, Ana Paula. Femicídios: conceitos, tipos e cenários. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. Ciênc. saúde coletiva, 2017 22(9), p. 3077–3086, set. 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SxDFyB4bPnxQGpJBnq93Lhn#>. Acesso em: 21 mar. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Vitoria Carmo dos; DIAS, Acácia Batista. Os Efeitos do Racismo na Saúde Mental das Militantes Negras do MMNDS. **Psicologia: Ciência e Profissão [online]**. 2022, v. 42, p.1-19. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-3703003235483>. Acesso em: 28 fev. 2023.

OLIVEIRA, Ellen Hilda Souza de Alcântara. **Mulheres negras vítimas de violência obstétrica**: estudo em um hospital público de feira de Santana - Bahia. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/30942/ellen_oliveira_iff_mest_2018.pdf;jsessionid=92391A035BD26D676BA0760966B11FA0?sequence=2. Acesso em: 06 mar.2023.